

O Brasil vai rompendo velhas estruturas, velhas relações de produção, e é adequado, e até já consagrado, falar em Revolução Brasileira. No quadro de desenvolvimento da Revolução Brasileira, quadro de crise estrutural, situa-se a nova etapa da história da imprensa no Brasil, iniciada como crise.

Há, evidentemente, uma crise de imprensa em todo o mundo capitalista e o assunto comporta já vastíssima bibliografia. Mas a crise da imprensa no Brasil está para a crise da imprensa no mundo capitalista como a Revolução Brasileira está para a grande revolução que se processa naquele mundo; há diferenças peculiares que não podem ser esquecidas na análise do caso particular brasileiro. No conjunto, e de forma esquemática, o Brasil atravessa uma fase de expansão capitalista, quando o capitalismo entra em acelerada decadência nas áreas em que mais cedo se instalou e se desenvolveu. Essa defasagem é que gera situações peculiares, oriundas também de outras condições. A crise da imprensa brasileira, assim, tem identidades com a crise da imprensa capitalista no mundo, mas diferencia-se dela em alguns aspectos importantes. Como não cabe aqui a análise da crise geral do capitalismo, nem a da crise de sua imprensa, pressupõe-se o conhecimento de seus traços essenciais, para situar apenas o que diz respeito à crise da imprensa no Brasil. Em todas as áreas regidas pelas relações capitalistas, a imprensa atingiu a etapa de empresa, a etapa industrial. A indústria do jornal ou da revista — como, de resto, a da radiodifusão e a da televisão — por todas aquelas áreas atingiu dimensões muito grandes, gigantescas em alguns casos. O problema do papel de imprensa é grave, em todas aquelas áreas, pela falta crescente de matéria-prima, destruição acelerada das florestas, economia predatória que se descuida do replantio, tornando aquele produto cada vez mais caro e mais difícil. No Brasil isso também acontece mas — e aqui vai um dos traços específicos do nosso caso — acrescido de particularidade muito importante: o papel de imprensa, na maior parte das necessidades do consumo, é importado, entra na pauta dos artigos atingidos pela política de comércio exterior e de câmbio. As máquinas necessárias à produção do jornal ou da revista tornaram-se complexas, pela exigência das grandes tiragens em tempo muito curto, para atender à instantaneidade das comunicações, a unidade do mundo, o crescimento do número de leitores e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das técnicas de impressão e multiplicação. No Brasil isso também acontece, mas a particularidade está em que, como o papel, tais máquinas são importadas. A divisão do trabalho em um jornal ou uma revista, pela variedade das atividades, exige um exército sempre maior e mais qualificado de trabalhadores intelectuais e físicos, capazes em quase todos os campos do conhecimento aqueles, operários especializados estes, todos trabalhando